

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RISA

Ditos Infantis

(INÉDITOS)

POR CARFLOFER

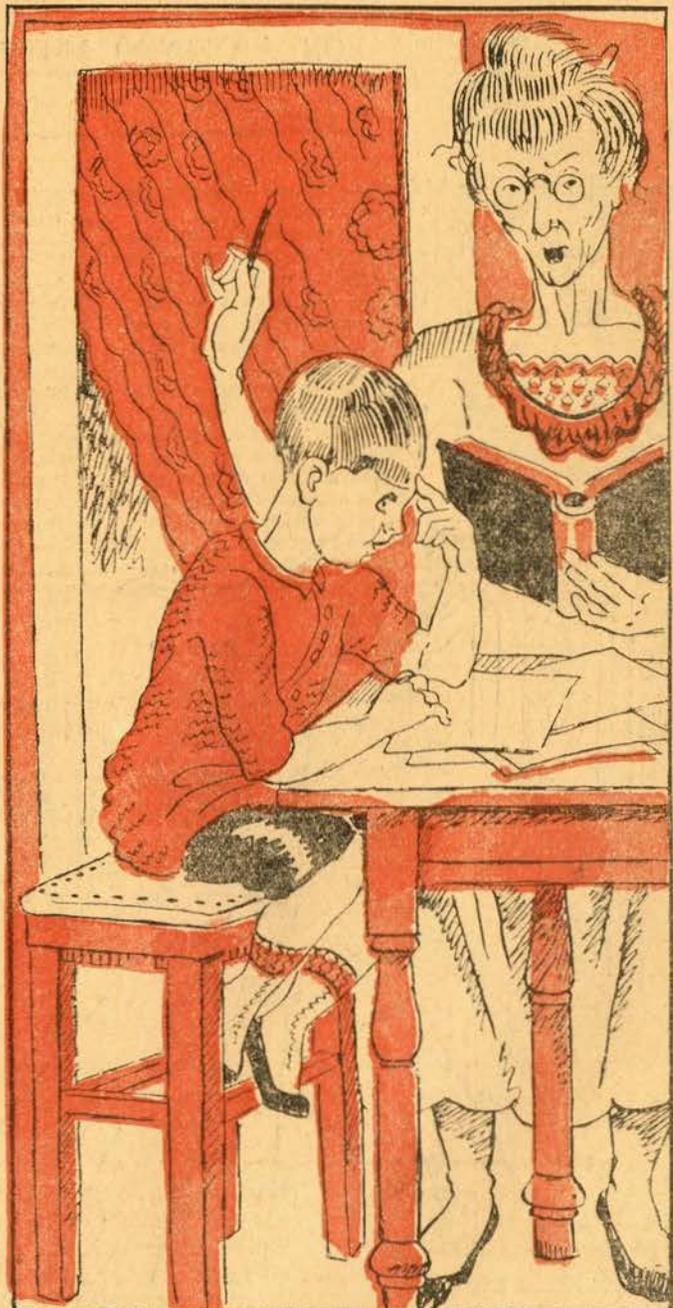
O Zé Quim
(José Joaquim)
seus estudos começou,
e gosa
a estação calmosa
numa quinta do avô.

Já não anda, como dantes,
em constantes
brincadeiras,
que á herdade,
da cidade,
vai á mestra às quintas feiras.

Trabalho leve, contudo,
não maçudo,
de prisão:
durante toda a semana,
hora e meia
de lição!

Brincava o Zé Quim, um dia,
com uns primos lá de fora,
quando ouviu que a mãe pedia,
e logo a mestra anuia,
só lição de meia hora.

Zé Quim, de olhos mal enxutos
decorridos três minutos
de à lição começo dar,
suspira: — «Mas que demora
me leva a tal meia hora,
aqui, agora,
a passar...»



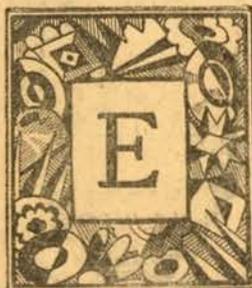
■ ■ F I M ■ ■



CARLITOS VIAJANDO

POR ARMANDO LEITE MORAIS

DESENHOS DE CASTAÑE



É LO de novo, mas, desta vez, em viagem de recreio.

Passaram-se meses e no passado verão, Carlitos embarcava com uma abastada a família no cais de Alcântara num sumptuoso paquete da Mala Real Inglesa, com destino a vários portos estrangeiros.

Carlitos, confortável e luxuosamente instalado num camarote de 1.^a classe, sentia-se imensamente feliz.

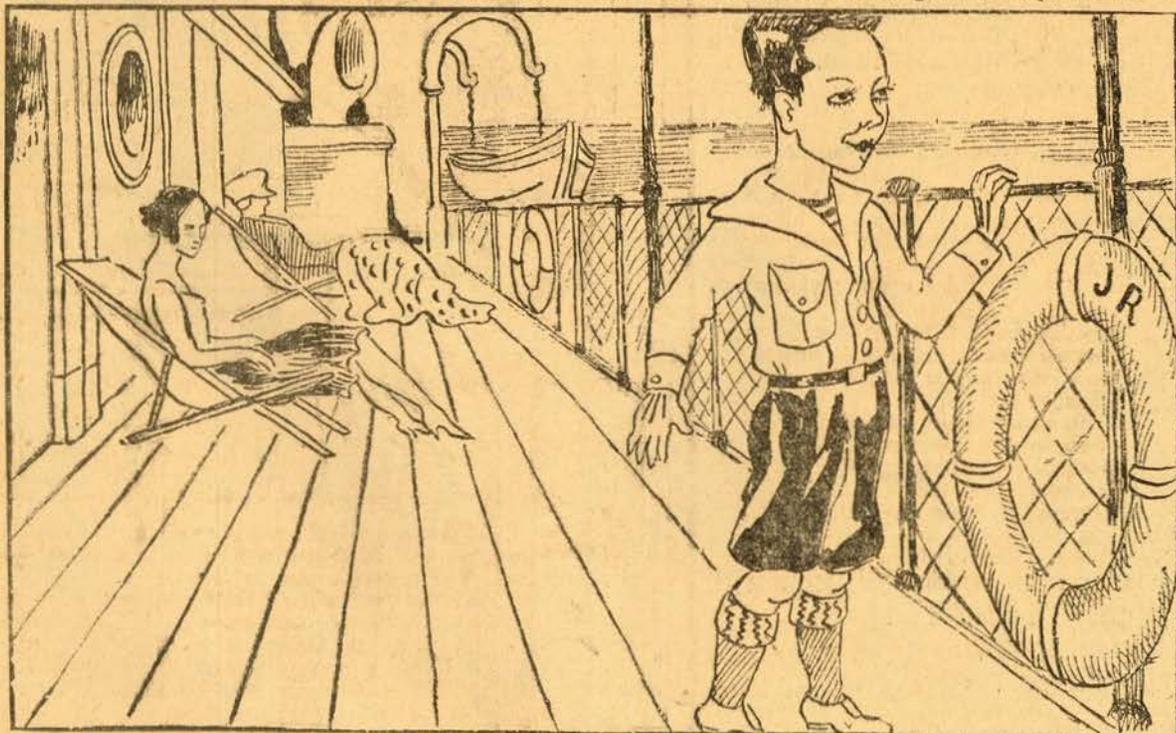
Desde a idade de sete anos que Carlitos sonhava vir um dia a empreender uma grande viagem, uma viagem que lhe proporcionasse momentos de gosar e apreciar as maravilhas do progresso.

O primeiro porto de escala onde atracou o «Astúrias»—

o paquete onde Carlitos viajava, — foi em Marselha. Aquo o «Astúrias» demorou-se alguns dias, visto andar em viagem de recreio e todos os seus passageiros serem excursionistas, que, igualmente, como Carlitos, viajavam por diversos países.

Após o desembarque, Carlitos foi conduzido para um não menos sumptuoso hotel, para, no dia seguinte, seguir para Paris, onde tem ocasião de percorrer os pontos mais atraentes que a moderna cidade da França proporciona aos seus visitantes. Carlitos, com um desusado interesse, via e admirava todas as belezas de Paris.

A' noite levaram-no ao teatro, onde Carlitos ficou radiante por ver um espectáculo, que, até então, nunca tinha visto, e cujo ambiente fazia lembrar os fantásticos contos das mil e uma noites, que, pela sua graça, pelo seu deslumbramento e pelo brilhantismo dos seus intérpretes, os quais ostentavam lindas e riquíssimas toilettes, davam-lhe um ritmo encantador. Dir-se-ia até que o nosso Carlitos se encontrava sonhando, ao ver tão grandioso espectáculo.



No dia seguinte levaram-no, também, a visitar os bairros de Paris, onde outrora se tinham passado grandes mistérios... «Os mistérios de Paris»

Carlitos, conforme ia vendo aqueles típicos bairros, assim se ia lembrando da sua querida e extrema Pátria, do seu adorado Portugal, porque, a-pesar-de tudo, Carlitos recordava-se amiudadas vezes da sua saudosa terra natal, dos seus bairros igualmente típicos, retalhos da velha Lisboa, da Lisboa antiga:—Alfama, Mouraria, Bairro Alto e outros que ela ainda possui e que são para nós autênticas reliquias do passado.

Que tens tu, Carlitos? — Preguntava-lhe uma distinta senhora que o acompanhava. — *Nada, minha senhora! Apenas saudosas recordações da nossa querida Pátria!*

Aquela ilustre e bondosa senhora, comovendo-se com a resposta tão sincera de Carlitos, procura inculir-lhe no espirito palavras de consolação e ânimo, para que êle não succumbisse ao peso das saudades da sua terra, e prosseguisse na sua alegria.

Carlitos levava um pequeno «Kodak» e sempre que achava qualquer aspecto digno da sua admiração, pedia ao seu querido amiguinho — que era marido da senhora há pouco referida — para lhe tirar as fotografias do que êle mais gostava de possuir como recordação daquela surpreendente viagem.

Os poucos dias da estada do paquete naquele porto, foram-se passando e Carlitos torna a embarcar, para seguir a Hamburgo.

Depressa Carlitos se encontrou em Berlim, e após idênticas excursões a esta grande cidade, Carlitos foi percorrendo: Londres Viena d'Áustria e outras não menos notáveis da Europa.

Na Asia é que Carlitos ficou assás surpreendido com os usos e costumes de todos os seus habitantes, chineses, japoneses, árabes, turcos, etc., e que, nunca os tendo visto e dada a sua pouca idade, chegaram a meter-lhe medo, principalmente os árabes, que, com as suas vestimentas, lhe faziam lembrar fantásmas.

As montanhas, Himalaia, (China) com uma altura formidável, Gates (Índia) e Libania na Turquia Asiática, foram aqueles que mais o entusiasmaram.

Os mares, os rios, e as ilhas, da Ásia, tudo foi para Carlitos, um verdadeiro conto de fadas que os seus olhos viram.

Depois, visita ainda a América do Norte. Em Nova-York, tem ocasião de vêr o que é o colossal país dos «dollars», o labirinto, o movimento estupendo de todas aquelas enormes artérias, com os seus grandiosos edificios, altura descomunal, o complicadissimo e monumental trânsito de pessoas de todas as classes sociais, automóveis, omnibus, carros e comboios electricos, meios de transporte aéreos e subterrâneos, enfim, um constante vai-vem de todas as formas possíveis e imagináveis ao alcance da sciencia do homem, que deixaram Carlitos deslumbrado, estupefacto até, pela impressão assombrosa que tudo aquilo lhe tinha causado.

Daqui e depois também de ter visitado mais algumas cidades norte-americanas, segue por último a Hollywood.

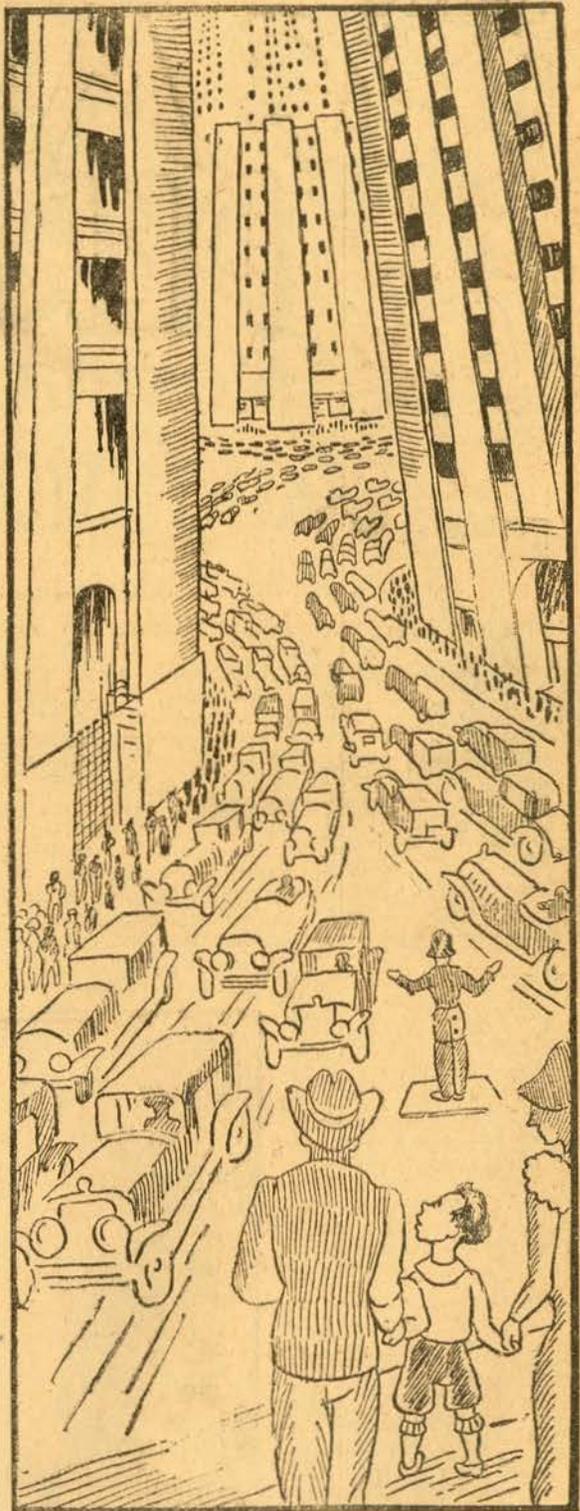
Hollywood! Hollywood! Que cidade tão poética! Quantos e quantos não terão sonhado com êste seductor nome!? Como Carlitos é feliz, por ir vêr uma coisa que tantos, tantos jovens gostariam de vêr!!!

Hollywood, possui todas as maravilhas que nós costumamos vêr nos ecrans dos nossos cinemas. Possui as mais guarridas e encantadoras «estrelas», possui os maiores e mais estimados «astros»!

Tudo ali é encantador; o seu ambiente dá vida e prazer, proporciona áqueles que têm a felicidade de lá ir, horas inolvidáveis de alegria, horas que jámais olvidarão. Carlitos sentia-se aqui mais feliz que em qualquer outro ponto da sua viagem. Aqui tem ensejo de constatar, melhor que no cinema, toda aquela engrenagem das fitas, como elas eram interpretadas; viu algumas das artistas mais adoradas das nossas plateias, igualmente viu, alguns dos actores mais populares dos nossos cinemas,

Carlitos, manifestara desejos de aqui poder estar bastantes dias, meses até, porque os seus olhos nunca se fatigariam de vêr surpresas, sempre surpresas!

Mas não podia ser, a viagem teve um principio e naturalmente também, tinha um fim.



Seus extremos pais, aguardavam-no já impacientes, sentiam já imensas saudades da sua longa ausência, era preciso, pois, regressar para junto deles.

E foi assim que o nosso bom e afortunado Carlitos, regosijado por tantas maravilhas que tinha visto, regressou, finalmente, à sua querida Pátria, terminando por esta forma a sua grande viagem, a viagem que êle, em lindos sonhos cor de rosa, nunca imaginou que viesse um dia a transformar-se em realidade.

O MENINO PERDIDO

Novela infantil por
Augusto de Santa-Rita



Desenhos de Castañé

(Continuado do numero anterior)



TONINHO afagado constantemente por ambos, ora sorria para o dr. Jorge Guedes, em que já presentia um bom e grande amigo, ora para a madrinha em cujas doces palavras anuvia todo o belo futuro que estavam a preparar-lhe.

A pedido de sua madrinha, Toninho foi, então, buscar uma pasta com desenhos, a-fim-de que o doutor pudesse apreciar devidamente a sua imensa habilidade. E, já de novo entre

ambos, Toninho ia apresentando, aos olhos maravilhados do sr. governador civil, a sua colecção de magníficos «croquis», palavra que Toninho desconhecia e que, pela primeira vez, ouvia na boca dum senhor tão fino.

Volvida meia hora, o doutor Jorge Guedes despedia-se, ficando de voltar breve para, definitivamente, assentaremna orientação a dar à educação do pequenino artista

Rosa Gião era, agora, uma celebridade. Havia oito anos que debutara no grande «Real Teatro de Opera», em Madrid, com extraordinário exito artistico e, desde então, sempre aclamadissima, o seu retrato figurava por todas as esquinas, em cartazes enormes, em jornais e revistas e o seu nome era constantemente incensado e louvado pela critica mais exigente.

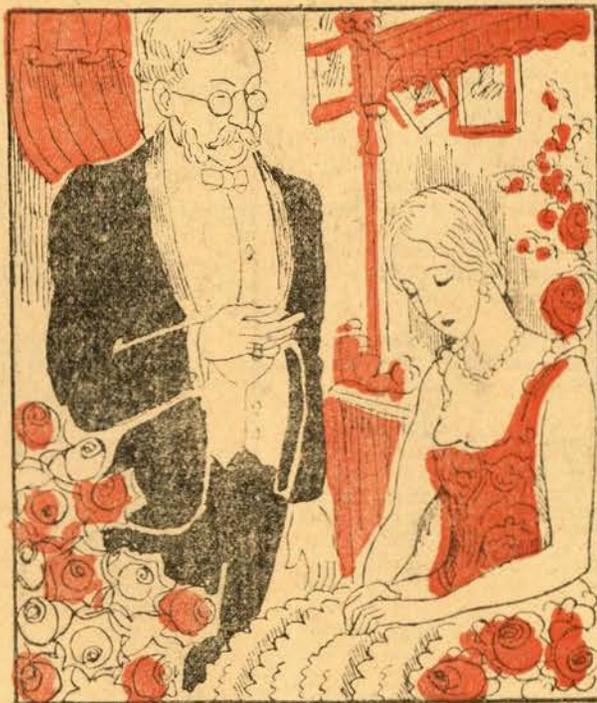
Contudo Rosa Gião não se sentia feliz; faltava-lhe alguma coisa, o amor de um filho, o filho que considerava perdido para sempre, a-pesar-de haver empregado, em companhia de D. Pedro Moyano, durante mês e meio de constan-

tes e inúteis pesquisas, os máximos esforços. Visitara todas as «creches» e misericórdias, indagara a história de cada internado recém-nascido, publicara anúncios em todos os jornais de Lisboa e Porto e só depois, desiludida, se resignara à idéa de deixar Portugal e de partir para a Espanha com D. Pedro, e sem o seu filhinho, o qual — (pensava entre lágrimas) — reado-se abandonado, teria, talvez, morrido e alma piedosa o haveria enterrado.

Em seu camarim, Rosa Gião, entre ramos de flores, era, constantemente, assediada por galanteadores de profissão, «Dom Juans» que estarravam sempre, com a sua inabalável indiferença, amável mas gélido sorriso e por sinceros apaixonados que, após mil propostas de afortunados casamentos, acabavam também por desistir.

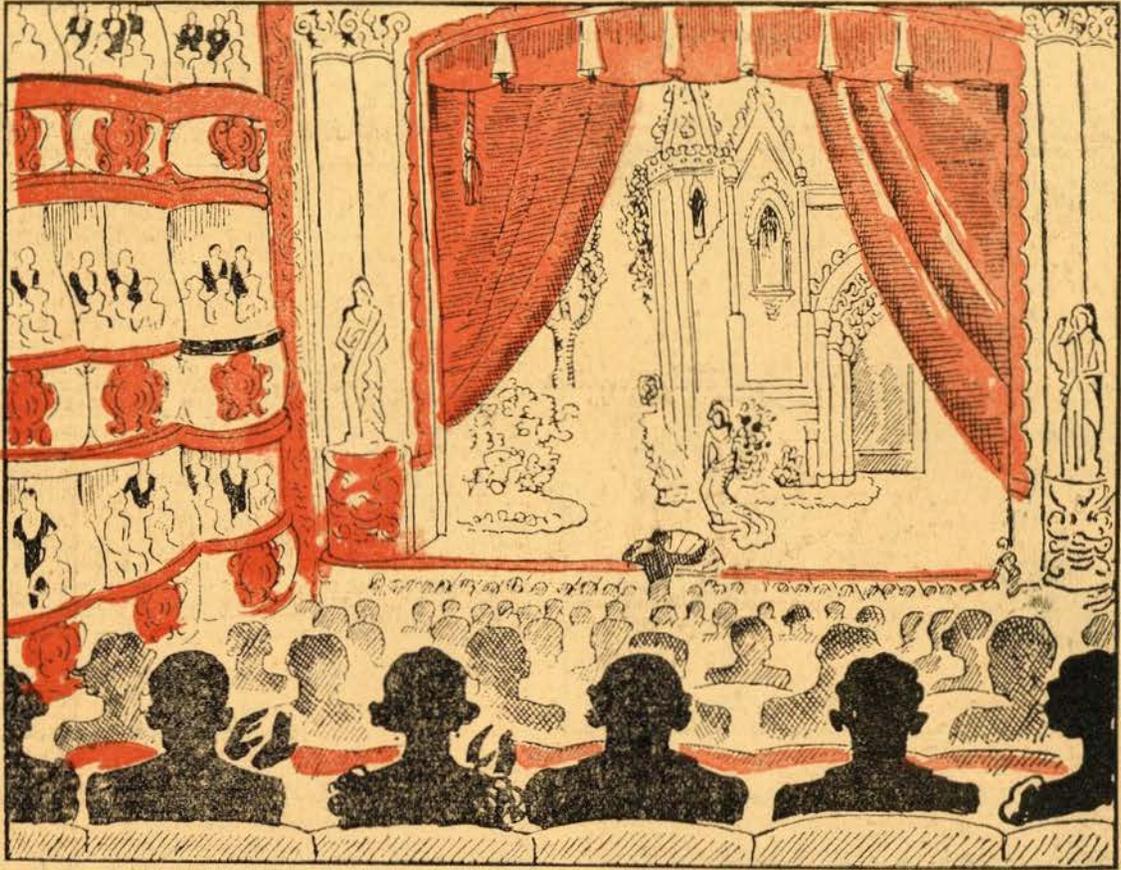
Ganhava, agora, por mês, vinte mil pesetas ou sejam, aproximadamente, cinqüenta contos da nossa moeda. Já tinha um luxuoso automóvel e vivia nos melhores hotéis.

Contudo, entregue à sua dor, fazia uma vida absolutamente isolada, sonhando constantemente com o seu menino... o riacho da Várzea... por vezes com «Trinca Páu»... a Grande Guerra que lhe levara o marido... o pobre pai triturado no açude... enfim, com todo o seu infeliz passado.



Doze primaveras mais relloriam as laranjeiras da grande quinta do Arco Era um pomar delicioso, em cuja copa, à noite, entre estonteante odor, os rouxinóis entoavam doces melopeias e, de manhã, cantavam cotovias e melros, à rítmica toada gorgolejante da água a correr do tanque, por regueirinhos la-deando os canteirinhos da horta.

Fininha, ou antes, Josefina, como a tratavam quasi sempre agora, agora que já fizera vinte e um anos, à sombra desse pomar, passava uma



parte das manhãs e das tardes, cantarolando e bordando, por vezes abstracta e sempre pensando nêlé... Nêlé que só ela e Bernarda bem sabiam quem era, porque a ninguém o revelara, pois claramente antevia as conseqüências e contrariedades que adviriam, revelando a alguém e principalmente à avó, bôa por índole e coração mas excessivamente preconceituosa, a confiança, o segredo daquele imenso Amôr. Amôr mutuamente confessado havia já três anos, durante as primeiras férias de António, quando este completara o primeiro ano do seu curso superior de Belas Artes.

Novas fêr'as voltáram; de novo se encontrava perto dela e ei-la, agora, outra vez, à sombra do pomar, anciosa pela hora combinada em que ficara de vir, a-fim-de proseguir o retrato a óleo, ali mesmo, principiado na véspera.

Ei-lo que se aproxima, com sua caixa de tintas, sua paleta e pinceis, bem apunhado e esbelto, tão diferente do pequenito de outrora, do garotinho com quem brincara quando ela, de bibe e trança caída, o auxiliava a construir casinhas de pedra e cal, em ponto pequeno mas que serviam de residência às bonecas que lhe dera a avó.

Eram um pouco mais castanhos o seu farto cabelo e os seus olhos rasgados, mais, rubra a sua bôca pequena e insinuante, mais alvos os seus dentes, mais penetrante e enérgica a expressão do seu rosto

- «Bons dias, Josefina...»
- «Bons dias António.»
- «Chegaste hoje primeiro.»
- «Estava tão linda a manhã...»

Foram as primeiras palavras trocadas, palavras que

seriam banais se um grande amor as não aureolasse, rehabilitando-as com a comovida graça, a eternecida magia duma sincera emoção.

Recomeçando o trabalho, António, de quando em quando, interrompia a pintura, deixando-se enlevar na perturbante graça do seu modelo, ao ponto de Josefina ter de o chamar à realidade, numa grata expressão de ternura e de enlevo:

— «António, esqueceste o trabalho?!...»

— «Tudo esqueço por ti, meu Amôr?...» E, dizendo isto, António ergueu-se e foi sentar-se ao lado de Josefina.

A sua expressão dolorida, maguada e triste, deu lugar a uma nova interrogação de Finna que, delicadamente, inquiriu:

— «Que pesar te afflige, que nuvem negra atravessa o céu da tua imaginação?!»

— «A mágoa por ter de te deixar em breve; o final das férias que se aproxima; a opposição que tua avó fará ao nosso casamento quando, mais



dia menos dia, vier a suspeitar do nosso amor!
E Antonio, pegando nas mãos de Josefina, após o breve desabafo, deixou-se ficar longo tempo, enleado, esquecido,



contemplando seu delicado rosto em que predominava uma expressão vagamente triste e, ao mesmo tempo, de íntima felicidade. Triste na previsão de lutas a sustentar, de oposições a vencer, de mil contrariedades futuras, e intimamente feliz ao sentir o doce contacto das suas mãos e a certeza do seu Amor.

Contristada pela idéa de que êle, em breve, teria de separar-se dela, de a deixar por dois anos—quem sabe se mais!—pois ia concorrer a pensionista do Estado e (ganhando o concurso, vitória certa de que o seu talento era assás garantida) partiria para França e Itália, onde concluiria os seus estudos. Feliz porque inda o tinha a seu lado e, durante mais uma semana, o poderia ver todos os dias.

Na ante-véspera da partida, começava a notar-se na expressão de António uma profunda tristeza. Bernarda começou a andar preocupada com o seu estado. Observava-o às horas das refeições, únicas horas em que êle parava em casa. Mal provava a comida. A humilde mulher que era, para António, uma mãe verdadeira, principiou a desconfiar daquela melancolia, sem aparente causa, e dava tratos á imaginação para descobrir o motivo de tão grande tristeza. Uma paixão, por certo, dizia, de si para si, Bernarda, nunca lhe passando pela idéa que pudesse ser a neta da madrinha a causadora do seu estado. Mas que outra mulher, se todas as cachopas da aldeia eram, por certo, incapazes de cativar o coração de António, com certeza exigente, habituado a sentir, a vibrar só em face da Beleza a que a visão de Artista se afizera desde pequenino, por inclinação natural?!

E decidiu, então, interrogá-lo.

(Continua no proximo numero)



DIALOGO INFANTIL

■ ■ ■ ■ por Bébé Carunchoso ■ ■ ■ ■

— «Nini, sabes versejar?...»
— «Sei, sei; desde que nasci.»
— «Sabes, portanto, rimar?...»
— «Pois sei e nunca aprendi.»

— «O quê, tens assim talento?
Inda notado não tinha!
E diz Nini, num momento:
— «Eu sou poeta de linha!»

— «De avós paternos, o sou;
De meu pai e minha mãe!...
Até ao materno avô
Saio poeta também!...»

Com esta genealogia
Serei poeta de trús,
Falando só poesia
Com o Menino Jesús!»

HORA DE RECREIO

ENIGMA PITORESCO

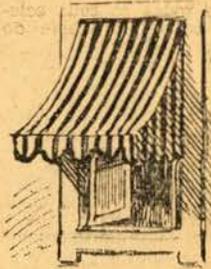
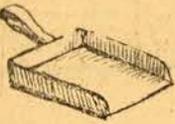
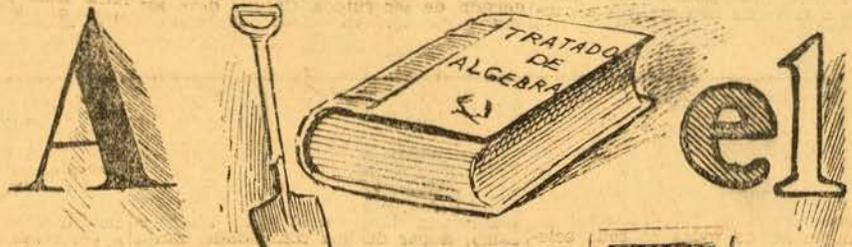
Correspondência:

Dynette—Devido à sua extensão não nos é possível publicar imediatamente o seu conto que sairá a seu tempo.

Maria Branco—A muita consideração literária que o nome de V. Ex.^a nos merece, permite nos esta pergunta:—não será excessivamente impressionante para os pequenos leitores do «P. P. P.» a «Historia Triste» de V. Ex.^a. Aguardamos, por este facto, a honra de outra que a substitua.

Maria Amelta Rego de Salis—O seu conto será brevemente publicado.

Mimi Grandela—Em virtude de ter, presentemente, o tempo muito ocupado, o nosso director pede desculpa de não haver respondido ainda à carta de V. Ex.^a. Brevemente o fará.



-L
+S



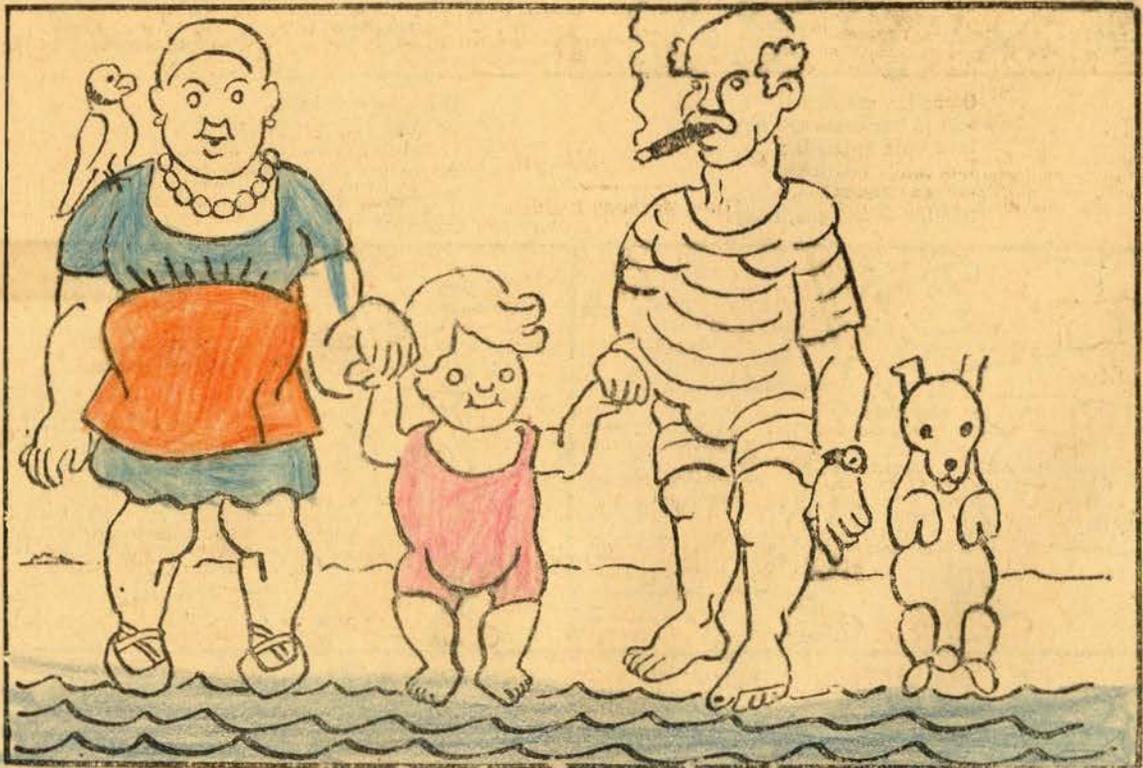
-A + ES

para Pinto de Magalhães

Garota endiabrada—Os seus dois últimos contos ressentem-se da precipitação com que foram escritos. Aguardamos outros com o esmero e brilho dos anteriores.

TIO PAULO

PARA OS MENINOS COLORIREM

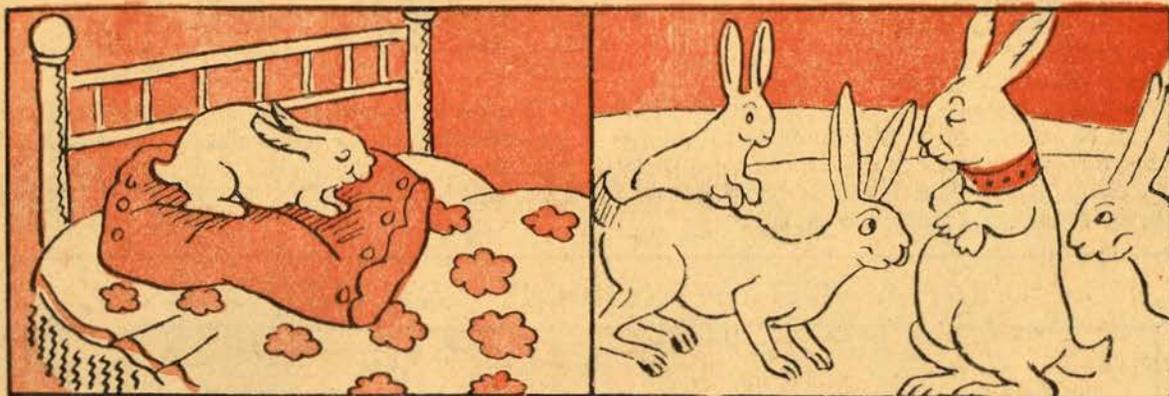


O COELHINHO DOENTE



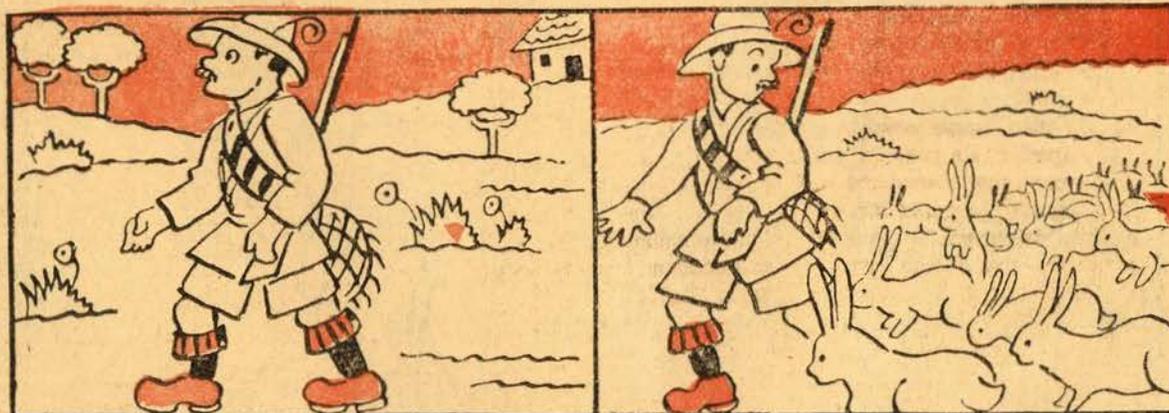
O caçador Zé Maria
aparece em casa, um dia,
tristemente,
trazendo ao colo um coelho
nada velho
mas doente.

E recomenda à mulher
que dêe cuide a valer,
que o trate com mil desvelos:
— «Dá-lhe muito de comer,
dá-lhe couves, dá-lhe grãos,
dá-lhe tudo o que quizer.



O coelho, satisfeito,
tem já por cama um bom leito,
leva vida regalada;
boa cama, boa mesa,
— que riqueza! —
não lhe falta nada, nada!

O coelho vai, então,
de alma alegre e prazenteira,
contar aos outros que estão
no mato e na capoeira,
a vidinha borralheira
que os seus doninhos lhe dão.



Certo dia,
Zé Maria
volta à caça, bem munido
de cartuchos,
salta valados e buxos
farejando com sentido.

Nisto, olhando à rectaguarda,
onde trazia a espingarda,
o Zé Maria, entrementes,
quási que grita «ó da guarda»!
ao ver coelhos em barda,
que se fingiam doentes,